

Gustavo Magalhães Mesquita Farrapo

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT-5: O ensino de sociologia e as políticas curriculares no Brasil

INDIVIDUALISMO E EDUCAÇÃO NEOLIBERAL: ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE PLANOS E PRÁTICAS INDIVIDUALISTAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO NO ESTADO DO CEARÁ

Belém, Pará

2023



INDIVIDUALISMO E EDUCAÇÃO NEOLIBERAL: ANÁLISE DAS RELAÇÕES ENTRE PLANOS E PRÁTICAS INDIVIDUALISTAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO NO ESTADO DO CEARÁ¹

Gustavo Magalhães Mesquita Farrapo²

RESUMO

O tema deste trabalho é a relação entre individualismo e neoliberalismo na educação escolar, no Brasil atual. Como recorte analítico, o objeto a ser investigado são as relações entre os planos e práticas de caráter individualista que se caracterizam, respectivamente, por ações estatais/governamentais e individuais no contexto da educação escolar de ensino médio, no Ceará. Os planos individualistas são as orientações normativas para a educação escolar de ensino médio, dentre as quais se localiza a formação de sujeitos proativos e empreendedores, como previsto na BNCC (2018); e as práticas individualistas são aquelas realizadas pelos próprios jovens estudantes do ensino médio, não como algo em essência, as quais também podem ter origem fora do ambiente escolar propriamente dito. A pesquisa teve como campo empírico a Escola de Ensino Médio Dona Marieta Cals, em Cariré-CE, com o objetivo geral de investigar as relações entre os planos e as práticas individualistas na atualidade, a partir da orientação normativa e governamental atualmente dirigida ao ensino médio e da perspectiva dos estudantes, exercitando o pensar relacional sobre eles e articulando os contextos local, nacional e internacional no debate sobre individualismo e educação neoliberal. A metodologia adotada é preponderantemente qualitativa, e conta com a triangulação das seguintes técnicas de pesquisa: análise documental, observação de aulas presenciais e entrevistas semiestruturadas com os estudantes.

Palavras-chave: Individualismo, Neoliberalismo, Ensino médio, Sujeito neoliberal.

INTRODUÇÃO

Considero relevante, em nível introdutório, repassar as origens do meu interesse em pesquisar a questão desse trabalho. Não creio que o trabalho de pesquisa seja algo isolado do pesquisador que o realiza. Logo, é importante deixar o leitor a par de que não se trata de uma pesquisa, um interesse, uma curiosidade, solta, deslocada, ou até imposta, mas sim um trabalho que se origina nas experiências sociais e subjetivas do pesquisador, o que, via de regra, ocorre nas ciências sociais.

Minha curiosidade inquietante, ainda durante meu ensino médio, não deixava de notar o apoio de certa parte da turma a qual estudava, em meados de 2016-2018, essa totalmente

¹ Trabalho resultado de projeto de pesquisa, com financiamento da Cnpq (Proc. n.º 158065/2021-2).

² Graduado do Curso de Ciências Sociais-Licenciatura da Universidade Estadual do Vale do Acaraú - CE, gustavmacarau@gmail.com.

masculina, a *youtubers* de aparentes intenções conservadoras e neoliberais (conservadorismo e neoliberalismo seriam mesmo sinônimos? Ao menos para eles eram).

Era perceptível que aqueles adolescentes, colegas de turma, embora fossem minoria, já mostravam a existência de um imaginário um tanto conservador (parte essa que é importantíssima, mas não será foco de nossa pesquisa), como neoliberal dentro da juventude cearense, principalmente por incentivo pessoal, ao ver inúmeros “criadores de conteúdo”, em sua grande maioria *youtubers*, que compartilhavam desses preceitos na internet. Desenvolvi então, junto ao meu orientador (Dr. Joannes Paulus Silva Forte), uma pesquisa que buscasse capturar essa minha indagação. Nas categorias “planos e práticas”, conseguimos desenvolver então, o neoliberalismo e sua interferência no ensino médio, tanto no que consta aos corpos normativos, como a reforma do ensino médio, representada principalmente pela nova BNCC (mas que não se resume a ela), quanto no que concerne a essa atividade de alguns alunos, que trariam teores neoliberais ao ambiente escolar.

Cabe então explicar melhor essas categorias. Os planos individualistas são, no estudo, as ordens, trâmites, documentos e tudo que for de caráter oficial/governamental, que interferem na construção neoliberal do sujeito, que são, a meu ver, individualizantes, voltados para os jovens estudantes do ensino médio. Se os planos se referem especificamente a documentos/attitudes advindas do campo burocrático/oficial/governamental, as práticas não se referem a eles, a não ser de forma indireta. As práticas individualistas, nesta pesquisa, têm origem nas atitudes dos próprios jovens. Quando atitudes vindas dos próprios estudantes, no espaço da escola e da sala de aula, evocam características neoliberais e individualistas, observa-se o que classifiquei anteriormente nesse estudo como práticas individualistas na educação pública.

Os objetivos foram então: Objetivo geral: analisar as relações entre planos normativos e governamentais e as práticas dos jovens estudantes do ensino médio, aqui denominadas de planos e práticas individualistas, na atualidade, na Escola de Ensino Médio Dona Marieta Cals, em Cariré-CE. Objetivos específicos: 1. verificar e analisar a forma pela qual a BNCC (2018) reforça práticas individualistas, dirigindo-se à formação do sujeito da sociedade neoliberal; 2. Identificar e analisar as formas pelas quais os planos e práticas individualistas se manifestam na política educacional do estado do Ceará, na gestão escolar e na prática do trabalho docente na escola-campo; 3. Analisar a perspectiva dos estudantes sobre as denominadas práticas individualistas.





Foram desenvolvidas então técnicas em diferentes modos para se chegar aos objetivos pretendidos. Foram analisados documentos, para dar conta dos planos, além de observações de aulas e entrevistas semiestruturadas com alunos para dar conta das práticas.

METODOLOGIA

Do ponto de vista operacional, optei pelo método de triangulação, como discutido por Denzin e Lincoln (2006). Esta estratégia metodológica é compreendida como o uso múltiplo de métodos para uma compreensão aprofundada de um fenômeno. Ela é o meio privilegiado para a exposição simultânea de realidades múltiplas, não constituindo uma estratégia de validação, apesar de ser um meio de garantir a qualidade da pesquisa qualitativa.

Com isso, a triangulação foi realizada entre o procedimento metodológico da análise documental (FLICK, 2009; CELLARD, 2012), a partir da qual analisei o documento da BNCC (2018) e o Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC) (2021), da observação direta de aulas presenciais (JACCOUD; MAYER, 2012) e de entrevistas semiestruturadas (GASKELL, 2012; POUPART, 2012) com os estudantes, os sujeitos de nossa investigação. Vou a diante detalhar cada procedimento metodológico no contexto de nossa pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de neoliberalismo é bastante amplo e implica diversas discussões. Alguns autores, tendem a o ler como algo tendencioso ao tradicionalismo liberal, numa visão ainda fortemente economicista, e é Foucault (2008), na sua “aula de 14 de março de 1979” (capítulo do livro “nascimento da biopolítica”), que destaca um novo indivíduo, um novo trabalhador, que deve ser considerado nas análises do neoliberalismo. Vejamos: “fazer, pela primeira vez, que o trabalhador seja na análise econômica não um objeto, o objeto de uma oferta e de uma procura na forma de força de trabalho, mas um sujeito econômico ativo” (FOUCAULT, 2008, p, 308). Para Foucault (2008)

o neoliberalismo não é considerado logo de saída como uma fase do capitalismo, à maneira dos marxistas. Ele emerge, antes, de um certo modo de governo dos homens e da produção dos sujeitos, e mesmo de uma das formas e de uma das fases da invenção do sujeito moderno enquanto homem econômico (LAVAL, 2020, p. 40).



Se, para Laval (2020), Foucault não vê o neoliberalismo como símbolo de puro mercantilismo, ou uma repetição da lógica liberal, sua visão se baseia em algo mais profundo e complexo. O neoliberalismo não seria algo de narrativa fácil, para se usar como palavra instantânea para discursos oportunos, mas sim uma construção complexa e histórica. Laval nos mostra ainda mais ter essa percepção, adotar essa crítica, no seu profundo estudo feito com Dardot, e descrito no livro *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal* (DARDOT; LAVAL, 2016). Com uma análise genealógica do fenômeno, que perpassa pela descrição e crítica, de algumas correntes embrionárias, como a austríaca e o ordoliberalismo alemão, até chegar numa análise do indivíduo neoliberal, faceta devida a Foucault, os autores ganham profundidade, fugindo de uma visão imediatista e rasa. Mas vejamos antes outras leituras. Beck (2011) faz uma profunda análise da pós-modernidade, denominando-a como “sociedade de risco”. Ao tratar das mudanças do sistema econômico-empregatício nos últimos anos, descreve-as assim:

Consuma a transição de um sistema socioindustrial unificado de trabalho de jornada integral, vitalício, organizado de modo fabril e associado com a ameaçadora iminência do desemprego em direção a um sistema pontuado por riscos e descentralizado, de subempregos flexíveis e plurais, no qual *já não existirá o problema do desemprego (...)* o desemprego foi por assim dizer ‘integrado’ ao sistema empregatício sob a forma de modelos de subemprego e também, conseqüentemente, substituído por uma *generalização de incertezas ocupacionais*, distante do ‘velho’ sistema socioindustrial do pleno emprego unificado (BECK, 2011, p. 209. *grifos do autor*).

Já Gentili (1998) é bem incisivo quando afirma que o problema do neoliberalismo parece mais complexo, explicando que ele deve ser compreendido como um projeto de classe, e não como algo simples, ou estritamente revisador de antigas teorias. Segundo ele,

Sob aquela perspectiva limitada e simplista, pode-se supor que o neoliberalismo não é outra coisa senão a imagem espetacular de antigas formas de dominação que hoje assumem, apenas, novas denominações. No entanto, o problema parece mais complexo (...) o neoliberalismo deve ser compreendido como um projeto de classe que orienta, ao mesmo tempo e de forma articulada, um conjunto de reformas radicais *no plano político, econômico, jurídico e cultural* (GENTILI, 1998, p. 102. *grifos nossos*)

Vemos, com Gentili (1998), como vimos com Foucault (2008), Laval (2020), Dardot e Laval (2016) e Beck (2011), que o neoliberalismo não é algo simples, novo, ou panfletário, mas sim algo histórico, e expansivo a diversas instâncias da sociedade. E, que também não se trata de um fenômeno exclusivamente econômico. Dardot e Laval (2016) concluem seu livro pensando o “sujeito neoliberal” considerando a complexidade do neoliberalismo.

Conceituando o “sujeito neoliberal” como sujeito de gozo (DARDOT; LAVAL, 2016), pode-se entender a incorporação do neoliberalismo pelo cidadão comum, como os

jovens que são os sujeitos desta pesquisa, de uma forma mais ampla. O gozo, e não o sofrimento, é patrocinado pelo neoliberalismo.

Se a perda é denegada, a ilimitação do gozo pode ser mobilizada no plano imaginário a serviço da empresa, pega ela mesma em lógicas imaginárias de expansão infinita, de valorização sem limites na bolsa. Para isso, é claro, é necessário passar por uma racionalização técnica da subjetividade, mas será sempre para que ela 'se realize'. O trabalho não é castigo, é gozo de si por intermédio do desempenho que se deve ter. (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 373. Grifos nossos)

Trabalho então sob a leitura do neoliberalismo como um fenômeno, além de econômico, político, social, e por que não, educacional. A pesquisa, ao passo que tem como objeto planos e práticas de caráter individualista, vê-se, inevitavelmente, diante do debate do neoliberalismo, visto como um fenômeno amplo e de interferência no sujeito contemporâneo, não excluindo dele as crianças e os jovens, como aqueles que fazem parte da pesquisa. Afinal, o neoliberalismo influencia na formação e no modo de existir do neosujeito, o sujeito de gozo (DARDOT; LAVAL, 2016), e o determina como insuflador de si próprio. Não há a valorização do todo, mas da unidade, de uma carreira, do *self-made man*, enfim, do individualismo (COSTA, 2009).

DESENVOLVIMENTO

Como bem explanado anteriormente, vivemos num contexto de um formato contemporâneo, não só econômico, mas político-social; o neoliberalismo. Na história recente de nosso país, e quando digo isso falo de cerca de três décadas, observamos, às vezes de forma mais branda, às vezes de forma mais visível, a implementação de padronizações e legislações de teor neoliberal.

Como continuação, ou resultado, desses fenômenos recentes, foram elaborados os documentos: Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC). O Documento Curricular Referencial (DCR) é uma exigência diante das mudanças curriculares exercidas pela nova BNCC (2018), que tem que ser cumprida pelo governo de cada unidade da federação para que seja realizada a implantação da reforma do ensino médio em nível estadual. Fiz então, uma atenta análise documental deles, dentre outros documentos.

Os planos individualistas são, no estudo, as ordens, trâmites, documentos e tudo que for de caráter oficial/governamental, que interferem na construção neoliberal do sujeito, que



são, a meu ver, individualizantes, voltados para os jovens estudantes do ensino médio. A partir da análise documental da BNCC e DCRC, pude observar a orientação neoliberal, corporificada no empreendedorismo e no estímulo ao individualismo, em diversos pontos desses documentos, inclusive incongruências entre alguns discursos e atitudes.

Vejamos alguns exemplos³: Voltando-se à BNCC, a parte do documento chamada “A etapa do ensino médio” tem já na sua primeira página a seguinte afirmação: “(...) ensino médio vigente, com excesso de componentes curriculares, e uma abordagem pedagógica distante das culturas juvenis e do mundo do trabalho” (BRASIL, 2018, p, 461). É a partir de afirmações genéricas e vazias como essa, que se repetem no documento, que se tenta justificar um “novo ensino médio”, mais “descolado”, mais “jovem”, mais “moderno”, mais “flexível” e mais próximo do mercado de trabalho. Enquanto é feita essa propaganda há um ataque perigoso a currículos fundamentados em disciplinas e conteúdos científicos. É interessante trazer a crítica a currículos descentralizados feita por Michael Young (2011), numa defesa a currículos que sirvam para o conhecimento e não para fins instrumentais (YOUNG, 2011). Segundo Young (2011), esses currículos seriam confusos e descabidos de princípios pedagógicos, o que faz deles algo sempre deficiente (YOUNG, 2011). Ainda na introdução do documento, notadamente no trecho referente à etapa do ensino médio, encontra-se mais uma “justificativa” desse currículo descentralizado da BNCC (2018) para o ensino médio: “nesse contexto de diversidade, mostra-se imperativo (...) estimular a construção de currículos flexíveis, que permitam itinerários formativos” (BRASIL, 2018, p. 466). Ora, é a partir desses parâmetros de valoração da “flexibilidade”, por meio do veículo dos itinerários formativos, que é eliminada a cientificidade, garantida por um currículo baseado em diversas disciplinas científicas, que existia no ensino médio.

A não ser frases generalistas com palavras valoradas positivamente, não há paralelo nos documentos da BNCC com um ensino mais igualitário. Pelo contrário, observa-se iniquidade, ao passo que limita os horizontes de conhecimento que podem ser adquiridos por um discente no correr do ensino médio.

Ao propor uma nova organização curricular para o Ensino Médio, as DCNEM, em seus principais elementos, determinam a construção de um currículo assentado e conexo aos parâmetros apresentados pela BNCC, cujo objetivo maior é priorizar o desenvolvimento de competências e habilidades basilares no processo de formação do indivíduo, enquanto cidadão atuante em nossa sociedade (CEARÁ, 2021, p. 8).

³ Devido as limitações do formato, descrevo apenas dois exemplos da análise documental. Na monografia, constam todas as etapas.



“Foco nas competências e habilidades”, como princípio, ao contrário da equidade, levam a iniquidade, ao passo que apoiam um ensino distante do conhecimento e próximo do tecnicismo, da formação do jovem estudante para se converter em “capital humano”, individual, como também vemos no trecho.

Se os planos se referem especificamente a documentos/attitudes advindas do campo burocrático/oficial/governamental, as práticas não se referem a eles, a não ser de forma indireta. As práticas individualistas, nesta pesquisa, têm origem nas attitudes dos próprios jovens. Quando attitudes vindas dos próprios estudantes, no espaço da escola e da sala de aula, evocam características neoliberais e individualistas, observa-se o que classifiquei anteriormente nesse estudo como práticas individualistas na educação pública. Vale ressaltar que não consideramos, as práticas, por uma visão simplista onde estas seriam algo em essência de alguns alunos. Não é minha visão. Ao longo da pesquisa, e a diante no texto, vê-se que estas, as vezes, tem origens muito claras, não se tratando de uma questão de essência.

Numa aula ocorrida no 3º ano A no dia 28 de abril de 2022, observei falas e attitudes diretamente relacionadas aos aspectos nesse trabalho relacionados a uma educação e vivência neoliberal e individualistas, principalmente no tocante ao empreendedorismo. Nesta aula, tratou-se da questão da terra relacionada à luta dos povos indígenas e aos problemas disso decorrentes. Ao fazer uma explicação sobre a questão, explicando as dificuldades do acesso histórico – nesse caso pela tomada feita desde os princípios da invasão portuguesa (VINCENT, 1992) nas terras que futuramente foram convencionadas a se chamar de Brasil – e do acesso legal a terra pela parte dos nativos, a professora, inevitavelmente “entrou” no assunto dos indígenas presentes no nosso estado do Ceará. Ao comentar sobre os indígenas presentes na serra da Ibiapaba e da região litorânea, esquerda superior do mapa do estado, foi aberta uma conversa paralela especialmente sobre os indígenas do litoral. Como se tratava em princípio de uma aula sobre a questão da terra, os alunos fizeram comentários como: “seriam os gringos que estão tomando as terras dos índios?”. Após a resposta dada pela professora, de não poder dar essa certeza por não ter dados, esses comentários geraram outros comentários sobre as qualidades empreendedoras de estrangeiros em todo território litorâneo do estado. Os comentários eram de cunho positivo e de admiração, como se o empreendedorismo fosse algo desejável e valoroso.

Como pode-se ver, o empreendedorismo, como algo valioso, bonito e desejável, aparece também nas falas dos alunos, para além dos documentos e comportamentos oficiais, como já vimos.

Vejamos Laval (2019), ao analisar a situação francesa da escola neoliberal:

Sem mencionar a resistência de professores e usuários, a escola, ao menos no momento atual, destaca-se pela hibridização, uma curiosa mescla de aspectos específicos do mercado ('atendimento ao cliente', *espírito 'empreendedor'*, financiamento privado) (...) a escola que vem se desenhando é cada vez mais parecida com uma empresa (...) para usarmos uma expressão da OCDE, que leva a se diversificar *de acordo com o mercado local* e as 'demandas sociais' (LAVAL, 2019, p. 24, *grifos nossos*).

O empreendedorismo, que como já vimos anteriormente, adentra na escola pública com os mais novos projetos de reorganização curricular, também é originário da vida social mais ampla, constituindo-se como uma das mais atuais ideologias capitalistas da atualidade. Por essa razão também está na escola e nas atitudes e preocupações dos estudantes.

Durante entrevistas com alunos, em uma das perguntas ("o que vem a sua mente quando você pensa em liberdade econômica?") o que primeiramente me chamou atenção foram as valorizações, de bases teóricas, diante do conceito. Os alunos, importante frisar que não todos, na verdade a minoria, apresentavam um conhecimento teórico considerável sobre as bases do liberalismo econômico, demonstrando concordar com afinco com eles. Mais especificamente isso apareceu em quatro entrevistas, mas irei aqui focar em duas, por serem longas as transcrições destas. Observemos primeiramente o que diz André⁴:

Entrevistador: então André, o que vem a tua mente então, quando tu pensa⁵, quando tu vê, quando tu escuta, sobre liberdade econômica?

André: eu acho legal. Eu acho que o Estado ele impõe muitas... muitas barreiras pra... no mercado em si. Tem seus lados bons e seus lados ruins, mas eu acho que o lado bom, pende.

Entrevistador: e o que seria os lados bons e os lados ruins?

André: os lados bons seria; se feito corretamente, teria mais concorrência, os preços seriam menores por causa da concorrência, teria aquela discussão de; "ah eu vou fazer melhor pra tirar o... os consumidor daquela outra empresa pra ter mais pra mim". Quem ganha nessa briga por concorrência é o consumidor.

[...]

André: eu acho que ele atrapalha [o Estado]⁶ a partir do momento que ele quer. Eu acho que o Estado ele é muito útil quando ele quer. Mas eu acho que ele também consegue ser muito, consegue prender muito as pessoas {creio que economicamente falando}

[...]

4 Os nomes dos alunos entrevistados foram trocados.

5 Optei por utilizar a linguagem exata usada nas entrevistas, com os informalismos comuns ao português falado.

6 Optei por usar o símbolo gráfico ([I]) para explicar trechos onde escape à interpretação.

André: eu não acho que o Estado tenha que ser uma mãe. Eu acho que ele tem que fazer só isso aqui [o básico] e o resto eu vou atrás.

Entrevistador: então tu acha importante que ele [o Estado] não tenha muitos freios, que ele seja mais liberal?

André: sim que ele seja mais liberal

[...]

André: ...eu acho que tá ligado obviamente a economia brasileira [todas as perguntas, o decorrer da entrevista]. O Estado às vezes dá uma barrada, prende as pessoas {economicamente falando}⁷, mas que as pessoas conseguem achar um ponto a partir do individualismo, conseguir abrir uma microempresa. Por causa do neoliberalismo conseguem não ter muitas barreiras.

Como observa-se nesses trechos reveladores, o aluno André demonstra um considerável conhecimento sobre as teorias basilares do liberalismo, e do neoliberalismo. Nos trechos acima encontram-se declarações de que o Estado atrapalha o mercado, que a concorrência é benéfica, que o Estado não deve ser uma mãe, ou seja, não deve garantir a proteção, falando de forma geral, dos seus cidadãos, que as pessoas podem se soltar dessas amarras por meio da individualidade e do empreendedorismo, respostas reveladoras de um conhecimento da teoria-base do liberalismo e do neoliberalismo, como também se encontra nas falas do aluno Marcos:

Entrevistador: o que vem a tua mente também quando tu escuta, quando tu lê, quando tu vê, sobre liberdade econômica? Relacionada a essa questão toda que a gente vem conversando.

Marcos: é... liberdade econômica eu penso no fim do controle estatal nas empresa

Entrevistador: por que? tu acha que é prejudicial?

Marcos: é. muitas vezes é. As empresas são barradas, por causa da, do Estado elas quer tomar tudo pra si

Entrevistador: as empresas querem tomar tudo pra si?

Marcos: não. O Estado.

[...]

Entrevistador: tu mesmo procurou [essas teorias]? Ou o Youtube te mostrou?

Marcos: eu fui atrás.

[...]

Marcos: porque sem a... sem o controle do Estado sobre as empresas, os empresários vão poder, como posso dizer, crescer mais sendo menos dependente do Estado.

Entrevistador: então o empreendedorismo está mais livre com a liberdade econômica?

Marcos: é.

7 Optei por usar o símbolo gráfico ({}) quando desejado, e necessário, destacar um sentimento ou reação que não seja expressada claramente pelo textual.

Como André, Marcos também apresenta uma visão valorativa, e de demonstração de conhecimentos diante das bases teóricas do liberalismo e do neoliberalismo. Ele foca principalmente na ideia de que o Estado atrapalha a empresa, que o burocratismo e a regulação atrapalham a existência de um universo mercadológico de fluidez perfeita, onde o Estado existiria apenas para a subsistência e não interferiria no espectro econômico. O que importa aqui é observar que essa força, esse pensamento, existe dentro da sala de aula, advinda do aluno, o que configura o que chamo de práticas individualistas.

Em forma de discussão geral sobre as entrevistas, posso dizer que elas contribuíram fortemente para a visualização do que discuti anteriormente como práticas, demonstrando a existência real destas no ambiente escolar. Das demonstrações de claro teor valorativo sobre o empreendedorismo, individualismo e conceitos de liberdade econômica, até as demonstrações mais brandas de ideias de redução da atuação do Estado⁸, posso dizer que os alunos entrevistados trazem sim essa carga para o ambiente escolar e que conseqüentemente ela existe nele. Quando digo que existe não estou constatando um antro de neoliberalismo no ambiente escolar, claro, mas a provável presença de uma afinidade eletiva entre as práticas individualistas dos estudantes e os planos oficiais individualistas, reforçando o individualismo neoliberal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se então dizer, de forma geral, que encontrei as seguintes conclusões: 1) os documentos curriculares, BNCC e DCRC, orientam-se em grande medida por princípios neoliberais; 2) existem planos individualistas no planejamento governamental para o ensino público; e 3) as práticas individualistas e neoliberais por parte dos alunos se originam em diferentes fontes que tem convergido cada vez mais para o ambiente escolar. De forma geral, posso dizer que os planos, confirmados pelos documentos, convivem com as práticas individualistas dos estudantes.

Quero deixar bem claro que quando falo em planos e práticas individualistas não estou querendo dar nenhum tom de totalidade, mas da existência de um fenômeno. Não estou em nenhum momento, querendo passar a imagem de que na escola EEM Dona Marieta Cals os alunos aprendem o empreendedorismo e a individualidade exacerbada por total intenção ou de

⁸ Embora uma importante referência não concorde que o estado mínimo defina o neoliberalismo (DARDOT; LAVAL, 2016), considero essas expressões do aluno como representativas do neoliberalismo devido a uma visualização por algumas outras leituras quanto ao fenômeno e o conseqüente ecoar desta ideia.

forma especial ou exclusiva. O que mostrei nesse trabalho dá conta de planos governamentais, que devida à complexidade do ambiente de ensino são apenas um aspecto de um grande entrelaçado de relações, e referenciais curriculares diversos. E de práticas, que dão lugar a dados que elaboramos a partir dos alunos entrevistados, estes selecionados por um princípio de “os alunos mais participativos”. Os alunos expressam a opinião de apenas uma parte do conjunto dos estudantes da escola, ou melhor, uma parte das duas turmas observadas, mas são eles que constituem o universo pesquisado com o uso da técnica de entrevistas qualitativas semiestruturadas. Enfim, o que apresentei neste relatório final de pesquisa tem a intenção de abarcar os objetivos da pesquisa, que são, com já exposto, demonstrar a existência de um fenômeno, e não a totalidade dele. O fenômeno existe e poderá ser abordado a partir de diferentes abordagens.

Creio que os estudos e pesquisas que analisam essa temática têm uma certa dificuldade de ver esses fenômenos surgindo também do ambiente discente, do ambiente da rua. É como se o aluno, os jovens estudantes do ensino médio, fossem um indivíduo sem agência, amorfo, facilmente moldável, e que não dispõe de caráter crítico. Eles são para esse tipo de análise, várias cabeças ocas à espera de um enchimento de um novo currículo que irá simplesmente levá-los a um novo modo de ser. Nem sempre será um documento, quase sempre não será só ele, o que irá definir o futuro de uma nação. Claro que o documento normativo da BNCC e sua versão cearense, o DCRC, impõem a aplicação de um princípio neoliberal, como já analisei, na escola, mas essa, como vimos, não é uma via única. Considero, finalmente, que seja importante estudos como o presente, para abrir alas para estas discussões.

REFERÊNCIAS

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma nova modernidade**. 2.ed. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: Editora 34, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC. 2018.

CEARÁ. Governo do Estado do Ceará/Secretaria de Educação do Estado do Ceará.

Documento Curricular Referencial do Ceará: Ensino Médio. Versão preliminar. Fortaleza: SEDUC, 2021.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et. al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Arantes Nasser. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012. p. 295-316.

COSTA, Sylvio de Souza Gadelha. **Governamentalidade neoliberal, teoria do capital humano e empreendedorismo**. Educação e realidade, Porto Alegre, v. 34, n. 2, 2009.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FLICK, Uwe. Utilização de documentos como dados. In: FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Tradução de Joyce Elias Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 230-237.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e entrevistas grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2012.

GENTILI, Pablo. **A falsificação do consenso: simulacro e imposição na reforma educacional do neoliberalismo**. Petrópolis: Vozes, 1998.

JACCOUD, M.; MAYER, R. A observação direta e a pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3.ed. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2019.

LAVAL, Christian. **Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal**. Tradução de Márcia Pereira Cunha, Nilton Ken Ota. São Paulo: Elefante, 2020.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3.ed. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VINCENT, Bernard. **1492: descoberta ou invasão?** Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

8^o ENASEB

YOUNG, Michael F. D. **O futuro da educação em uma sociedade do conhecimento: o argumento radical em defesa de um currículo centrado em disciplinas.** Revista brasileira de educação, Rio de Janeiro, v. 16, n. 48, 2011.

